



Anais do XV Congresso de História da Educação do Ceará. 2016, ISSN 2237-2229

A POLÍTICA EDUCACIONAL: RELATOS DOS EX-ALUNOS E PROFESSORES DE INTERNATO DE BOR NA GUINÉ-BISSAU

Cristina Mandau Ocuni Cá³¹⁴

RESUMO

Com relação a este artigo, “a política educacional: relatos dos ex-alunos e professores de internato de Bor na Guiné-Bissau”, procura saber as opiniões dos ex-alunos e professores de Internato de Bor sobre a educação dos guineenses, na referida sociedade atualmente. Todavia, os dados analisados apontam vários fatores, mas a falta de internato no País se torna o principal deles. Assim, foi feita uma entrevista com ex-alunos de Internato de Bor.

Palavras Chave: Política Educacional; ex-alunos e professores; Internato de Bor Guiné-Bissau;

Conforme o relato de um dos ex-professores de Internato de Bor³¹⁵ lembra que se tivesse internato, hoje ele colocaria o filho lá. Alegando que a questão não significa fugir dos gastos com a educação dos filhos, e sim, talvez, seja para encontrar um lugar apropriado em que esse (o filho) possa ser acolhido e educado da melhor maneira possível. Para entender melhor, o entrevistado trouxe como exemplo a experiência que teve com o filho que o levou a optar por internato. Conforme revela o trecho abaixo:

O meu filho às vezes não entrava as aulas, só depois me contaram. Ele estudava numa escola privada no bairro de Antula, na beira da estrada. Um homem colocou a mesa de bonecos dele [jogo de pebolim] em baixo de uma árvore para quem quiser jogar. O problema é que todos os dias eu dou algumas moedas a meu filho para ele comprar água, ou um lanchinho. Afinal, esse dinheiro era usado para jogar tal de bonecos. Ouve dizer que ele jogava direto e não entrava as aulas. Uma senhora que vendia donete [doce] na escola conhece a minha esposa. Foi ela, quem falou para ela: olha, o flano de tal não entra as aulas. Ontem jogou boneco direto até horário da saída. Aí quando Cheguei a casa com a minha preocupação de falência a minha esposa me contou a história. Refleti um pouco e cheguei à conclusão de que ele [o meu filho] não tinha culpa de nada. Porque, se tivesse um lugar como eu havia dito anteriormente, igual ao internato nada disso teria acontecido. (PARALTA, Bubacar. As lembranças do ex-professor de internato de Bor Frantz Fanon. Bissau, jul; 2012. Entrevista concedida a Cristina Mandau Ocuni Cá).

A apresentação desse recorte evidencia que, embora o ex-professor Bubacar fosse formado, não tinha tempo disponível para orientar o filho nas tarefas de casa, por conta do trabalho. Nesse caso, ele acredita que o lugar certo para o filho seria um internato com pessoas preparadas para educá-lo na sala de aula, como também fora dela, com as atividades extracurriculares.

³¹⁴ Professora de Instituto Dom José de Educação - Idj/UVA. e-mail: Cristina.mandau@hotmail.com

³¹⁵ Bubacar Paralta.



Anais do XV Congresso de História da Educação do Ceará. 2016, ISSN 2237-2229

Na sequência, completou uma ex-aluna, Maria Isabel, que, apesar de esforço da família na educação dos filhos, muitas crianças e adolescentes são corrompidos pelos colegas nas escolas. Ela acredita que as condutas são desviadas, na maioria das vezes, pelos colegas deles, quando estes (os filhos) atingem certa idade, na qual se sentem donos de si. Por essa razão, ressaltou a entrevistada, que é importante os pais fazerem acompanhamento escolar dos filhos de vez em quando, indo à escola deles para se informarem com os professores, ou com o diretor do estabelecimento.

Ainda sobre essa discussão, outra entrevistada Augusta Pereira, dá o seu ponto de vista.

No meu tempo [década de 1970], a educação era outra, mas quando eu voltei [de exterior] vi que nenhum dos internatos estava funcionando, falei: governo não vai suportar isso. Infelizmente é o que estamos vivendo hoje no país. Escreve o que estou lhe dizendo. Se você criar internato hoje na Guiné-Bissau, terá problemas, porque as crianças e adolescentes já têm vícios e pensam de outra maneira, sem se falar nos jovens. Nós, só seríamos livre desse problema, se o governo tivesse continuado com a política de internato até dias de hoje. Com essa política, com certeza a nossa sociedade seria outra e a greve de professores teria diminuído. O PAM [Programa Alimentar Mundial] fornecia gênero para internatos, então, criem internatos, muitas pessoas vão apoiar. (PEREIRA, Augusta. As lembranças de ex-aluna de Internato de Bor Frantz Fanon. Bissau/Guiné-Bissau, agos; 2012. Entrevista concedida a Cristina Mandau Oconi Cá).

Augusta, ainda continuou expondo a sua opinião, manifestando que poderia sim ter um lugar no internato para deixar as crianças e pegá-los só no final de semana ou nas férias, mas hoje em dia, não existe lugar igual ao internato, e os pais passam todo tempo trabalhando e ligando para casa, a fim de saberem como estão os filhos e, outra coisa, quando os pais dividem o mesmo espaço com os filhos, eles [os filhos] ficam muito mimados, diferente da gente (ex-alunos de internato) que foi educado longe dos pais. A entrevistada contou ainda que, no caso dela, ela foi órfã de mãe muito cedo, por essa razão, quem a pegava no internato nas férias era o pai. Disse ela também que às vezes, não gostava de ir para casa, quando tinha colegas no internato para brincar, ela preferia ficar com elas a ir para casa dos pais. Afirmou Augusta ainda que às vezes, enganava o pai dizendo-lhe que não era para ir lhe pegar naquela semana.

Também, Inácia, ex-aluna de Internato de Bor, acredita que, se tivesse Internato até os dias de hoje, a situação na Guiné-Bissau seria outra, mas para ser diferente dos dias de hoje, ela acha que tudo dependerá dos governantes guineenses. Assim, lembrou a entrevistada que, na época em que ela estudava, não sabia o que era a greve, os professores recebiam em dia o salário, a vida econômica era outra. Alegou também, a entrevistada, que os professores demonstravam vontade de ensinar seus alunos, porque, segundo ela, os professores que iam ao internato para dar aula se sentiam privilegiados. Na opinião da Inácia, consta que eles davam aulas lá dois, ou, três anos e,



Anais do XV Congresso de História da Educação do Ceará. 2016, ISSN 2237-2229

depois, conseguiam bolsa de estudo para estudar no exterior. Então era concorrência para dar aula em internato.

Portanto, na visão da entrevistada, o ensino atualmente é considerado fraco devido à fuga dos professores para diferentes lugares, em busca de melhores condições de vida. Na opinião da entrevistada, vale lembrar o tempo que um professor leva para dar uma aula, que não é pouco; além disso, educar aluno não significa que o processo de aprendizado só acontece dentro de uma sala de aula; pelo contrário, pode ser fora dela, no recinto escolar, por exemplo; se o professor encontrar o aluno fazendo algo de errado, com certeza poderá chamar-lhe a atenção.

Inácia ainda fez crítica à situação atual, na qual constatou que há muita greve: os professores exigindo melhores salários e nada é feito para resolver o problema. Ainda, completou que, da parte dela, entende perfeitamente os professores, porque considera ser um sacrifício para uma pessoa se manter com um salário muito baixo; nesse sentido, seria bom lembrar que, para um país avançar, é com base na educação; se não tiver educação, diz ela, até os animais na floresta seriam melhores do que o homem e teriam mais valor.

Lembrou também a mesma entrevistada que hoje existe grande fuga dos professores para o exterior; alguns alegam que preferem ir para qualquer lugar limpar o chão e ganhar um pouco mais a continuar dando aula na Guiné-Bissau. Outros professores lamentam quando seus alunos atingem um nível muito elevado e passam a ocupar uma posição no governo, pois isso os leva a desabafar de seguinte maneira: “eu, que sou professor não ganho bem, mas fui eu quem educou aquele aluno, que hoje é uma pessoa importante e ganha melhor que eu”. (GAMA, Inácia Soares da. As lembranças da ex-aluna do Internato de Bor Frantz Fanon. Bissau, jul; 2012. Entrevista concedida à Cristina Mandau Ocuni Cá).

Outro fato importante que também foi destacado nos depoimentos dos ex-alunos e professores do Internato de Bor tem ligação com a maneira como os professores vêm transmitindo o conhecimento hoje aos alunos. De acordo com dados colhidos durante a pesquisa, consta que quanto mais os alunos são reprovados, mais os professores são elogiados e considerados como professores muito difíceis. Quando, na verdade, não podia ser desse jeito, disse Maria Isabel, porque, quando há muita reprovação, talvez seja porque o professor não saiba transmitir o conteúdo, mesmo que tenha domínio sobre o assunto.

Para compreender melhor essa discussão, traz-se um trecho de fala sobre uma experiência que uma das ex-alunas, Augusta Pereira, teve quando o filho dela foi reprovado na escola.

Quando o meu filho reprovou parece que foi na 7ª classe, ou na 8ª classe, numa turma de quarenta alunos se não me engane, trinta e nove alunos foram



Anais do XV Congresso de História da Educação do Ceará. 2016, ISSN 2237-2229

reprovados. Eu não segurei, manifestei o meu descontentamento sobre a atitude do professor. Ele não ficou bem comigo, mas falei na frente de todos, de que, o professor que está dando a disciplina de física para esses alunos não merece ser professor. Ele pode ter conhecimento de física, mas, não sabe transmitir o mesmo para outros. Alunos reprovaram todos em física, não é correto. Falei para ele de que estudei em Cuba e, lá se tiver uma turma de quarenta alunos e vinte e nove tivesse reprovado o professor pode ir descansar (PEREIRA, Augusta. As lembranças de ex-aluna de Internato de Bor Frantz Fanon. Bissau/Guiné-Bissau, agos; 2012. Entrevista concedida a Cristina Mandau Ocuni Cá).

No relato acima, a fala da entrevistada leva a refletir sobre a prática que era muito comum na realidade guineense, na qual, os professores se preocupavam mais em reprovar os alunos a ensiná-los. Não há cabimento esse tipo de atitude, porque o papel do professor é de ensinar e não de esconder o conhecimento aos alunos. Assim, compreende-se que o fato testemunhado no relato anterior deveria ser uma preocupação do professor e da escola e não uma distinção do professor como tem sido tratado na Guiné-Bissau. Ainda, na sequência, a entrevistada disse o seguinte:

Quando terminei de falar, um colega de professor chegou, eu o chamei e disse-lhe que eu estava com consciência tranqüila, por isso, eu não me escondi para falar o que eu estava sentindo. Eu ainda disse a esse colega do professor que como a mãe eu não estava ali pedindo nota para o meu filho passar do ano, mas o que eu tinha a dizer é de que dos quarenta alunos, trinta e nove não podia reprovar numa matéria. Eu me preocupo sim com o futuro do meu filho, mas quando ele reprovar na brincadeira, eu não precisa pagar mil fraco cfea [1000 FCA³¹⁶] a ninguém para ele ser passado de nível. Pois se reprovar terá que batalhar para melhorar a nota, mas acontece que, todos os alunos estão reclamando do professor. Segundo estes, assim que o professor terminava de explicar ninguém podia levantar a dúvida, porque ele perguntava para a pessoa onde ela estava quando ele estava explicando (PEREIRA, Augusta. As lembranças de ex-aluna de Internato de Bor Frantz Fanon. Bissau/Guiné-Bissau, agos; 2012. Entrevista concedida a Cristina Mandau Ocuni Cá).

O que talvez seja importante ressaltar nessa última parte do relato é que o professor talvez não saiba que, pelo fato de ele explicar não significa que todos os alunos têm compreendido. Até porque, os alunos talvez não tenham a mesma capacidade de compreensão, ou de assimilar as informações.

Com relação aos alunos que não vão para as aulas, afirma Inácia Soares de que muitos deles não têm família que lhes possam orientar nos estudos. Alguns, os pais faleceram e estão morando na casa de um parente, que, muitas das vezes, não tem condição nem para manter os filhos e muito menos para ajudar, um órfão (sobrinho, ou primo). Nessa situação, lembra a entrevistada de que, muitas crianças, adolescentes e jovens que não estejam preparados para lidar com esse tipo de situação, se não souberem pedir conselho, ou opinião de um adulto acabam se tornando

³¹⁶

FCA (Franco Cefea) é única moeda usada nos países da costa ocidental da África.



Anais do XV Congresso de História da Educação do Ceará. 2016, ISSN 2237-2229

delinquentes e, começam a roubar, ou apreender outros vícios, como se drogar. Segundo a entrevistada, muitos alunos se drogam antes de irem para as aulas. Ela ainda alegou que na rua, você encontra jovens saudáveis, mas que vão aos mercados para roubarem as carteiras das pessoas. Conforme o relato abaixo, disse Inácia:

Quando eu vejo esses adolescentes soltos na rua, sem nada para fazer, eu falo assim: se tivesse internato até hoje, esse tipo de comportamento não existiria na nossa sociedade, mas os nossos governantes não querem reconhecer onde está a falha, ou melhor, o erro. Internato de Mores, por exemplo, está abandonado se você tivesse tempo suficiente iria para lá com alguns ex-alunos para conhecer e tirar algumas fotos para sua pesquisa, Eu lembro um ano, Ex-presidente Luís Cabral de Almeida veio a Guiné-Bissau e foi visitar todos os internatos, mas foi um choro atrás de outro, eu e alguns colegas que foram com ele. Chegávamos a um local onde era internato, ele olhava abanava a cabeça e limpava as lágrimas nos olhos (GAMA, Inácia Soares da. As lembranças da ex-aluna de internato de Bor Frantz Fanon. Bissau, jul; 2012. Entrevista concedida a Cristina Mandau Ocuni Cá).

Ao ler esse depoimento acima, compreende-se profundamente a tristeza que tal visita tivesse causado ao ex-presidente Luís Almeida Cabral, ao ver os edifícios de internato que ele havia criado totalmente abandonado. Entrevistada ainda contou que olhou para as caras das pessoas que estavam na visita e percebeu que nem todos estavam preocupados com a tristeza do ex-presidente e muito menos buscavam saber o motivo da sua tristeza. Conforme consta no relato abaixo.

Quando olhei para as caras das pessoas que estavam ao lado de [ex-presidente], percebi que ninguém estava preocupado e nem se quer buscavam entender, o motivo pelo qual aquele homem [ex-presidente, Luís Cabral] estava triste. Só a Teodora³¹⁷ que estava chorando com ele. O que eu percebi da tristeza dele, talvez tenha haver com a política de internato que ele havia criado quando dirigia o país e, que hoje não funciona mais. (GAMA, Inácia Soares da. As lembranças da ex-aluna de internato de Bor Frantz Fanon. Bissau, jul; 2012. Entrevista concedida a Cristina Mandau Ocuni Cá).

Ao analisar as considerações e pontos de discussão apresentados – desde as reclamações dos pais com os filhos que não entram nas aulas, até a questão da reprovação – é de se concluir que a situação talvez não pudesse chegar ao ponto em que chegou. Acredita-se que, se tivesse diálogo entre a escola e os pais ou responsáveis pelos alunos, nada disso teria acontecido; porque, a partir do momento em que o aluno tem excesso de falta, os pais devem ser convocados para comparecer à escola, a fim de saber o que está acontecendo com o filho. Desse jeito, ficariam sabendo da Direção que o aluno não entrava na escola, embora saísse todos os dias de casa para ir à escola. De igual

317

Foi Diretora Geral do Instituto Amizade, que administrava todos os internatos na Guiné-Bissau.



Anais do XV Congresso de História da Educação do Ceará. 2016, ISSN 2237-2229

modo, os pais também ficariam sabendo que os filhos ou as filhas, embora saíssem de casa, não assistiam às aulas.

Assim, entende-se que a falta de diálogo entre a escola e a família talvez seja o aspecto que levou o ex-professor Bubacar Paralta a sugerir que, se tivesse internato – mesmo que fosse para pagar um valor simbólico, que os pais já estão pagando nas escolas privadas sem bom aproveitamento – seria muito melhor, porque o filho teria acompanhamento diário, o que deixaria os pais despreocupados com o fato de seus filhos não assistirem à aula. O ex-professor acredita que o internato seria a solução e, se o pai quisesse pegar o filho e, no dia seguinte, levá-lo de volta, caberia a ele negociar com a direção.

Nesse caso, compreende-se que a sugestão dada pelo ex-professor Bubacar Paralta não só diminuiria o vandalismo nas ruas, como também poderia ajudar os filhos dos pais analfabetos, que não têm condições de acompanharem os filhos nas lições de casas.

Em razão de todos os fatos testemunhados acima, o ex-professor Bubacar é levado a admitir opinião favorável a reatar a política de internato, porque seria melhor para todos. Como ele havia dito, isso ajudaria os pobres, porque a Guiné-Bissau é um país que, recentemente, saiu da guerra, tem muitas órfãs, tem mulheres com filhos e pais ausentes. Por fim, lembrou que o salário é baixo e as pessoas têm muitas carências, o que acaba estimulando vícios para a nova geração.

Quanto à retomada da política de internato, o ex-aluno Dam Incoia sustentou o seguinte:

Em minha opinião internato não devia morrer, porque se morrer nós vamos acabar com futuro de nova geração. Se a política de internato for retomada e tudo voltar a funcionar como antes, além de atender os nossos filhos pode vir atender também os nossos netos e bisnetos. Pois, com internato podemos minimizar o sofrimento das famílias pobres, porque quando você souber que o seu filho vai estudar num lugar desses [internato], onde ele estará aos cuidados de profissionais qualificados, assim que começar o ano letivo o pai de aluno com certeza ficará despreocupado, porque saberá que o filho receberá a mesma educação que ele havia recebido quando estudava no internato. A volta de internatos talvez possa ser uma boa ideia, porque hoje os jovens passam maior parte do tempo na rua brigando e indo para as discotecas. Hoje, tem mais discotecas na Guiné-Bissau de que as escolas. (INCOIA, Dam. As lembranças de ex-aluno de Internato de Bor Frantz Fanon. Bissau/Guiné-Bissau, agos; 2012. Entrevista concedida a Cristina Mandau Ocuni Cá).

Enquanto isso, Augusta Pereira alega que talvez a volta de internatos só não resolva o problema, porque o fato dos liceus da Guiné-Bissau serem concentrados em Bissau, já complica a situação dos alunos oriundos das outras regiões do país, porque em todos os colégios guineenses – sejam eles das regiões, ou da capital Bissau – quando os alunos concluem a 9ª classe, vão para



Anais do XV Congresso de História da Educação do Ceará. 2016, ISSN 2237-2229

diferentes liceus, que se concentram na referida capital. De igual modo, as crianças e os adolescentes cujas escolas ficam distantes do local onde vivem com os pais também vão para Bissau, a fim de estudarem. Conforme a entrevistada, a maioria só come uma refeição por dia e, para ter mais refeições, contam com a ajuda dos vizinhos e das vizinhas.

Por essa razão, a referida entrevistada acha que, se tivesse um liceu em cada Região/Estado da Guiné-Bissau, esses alunos escolheriam liceus mais próximos das suas casas para estudarem, porque, segundo a entrevistada, muitos vêm para Bissau e, quando não dá certo a sua inserção escolar, acabam entrando no mundo do crime. Afirmou ainda que, quando têm fome, na primeira oportunidade que aparecer, eles roubarão para conseguir alguma coisa. Disse ainda à entrevistada que a fome é capaz de levar a pessoa a cometer pequenos furtos e, quando se viciar, partirá para coisas piores. Então, nesse caso, a descentralização dos liceus também resolveria o problema de muitos adolescentes e jovens na Guiné-Bissau.

Com relação à mesma discussão, Maria Isabel reforçou que os próprios centros de formação também podem ser criados nas regiões, para desafogar a cidade de Bissau. Lembrou que os professores, às vezes, são enviados ao interior para dar aula, mas o problema é que eles não recebem salário como outros professores; e, pior de tudo, não recebem tratamento como as outras pessoas. Até parece que, quando eles aceitam trabalhar no interior, são excluídos da folha de pagamento. Afirmou Maria Isabel que muitos não conseguem sequer se deslocar do lugar onde foram colocados, para irem a Bissau cobrar o salário atrasado, devido à falta de dinheiro. Nessa condição, questionou a entrevistada: como a pessoa poderá ter vontade de trabalhar nesses lugares? Se os professores que estão em Bissau não estão sendo bem tratados, imagine aqueles que estão servindo no interior? Assim, lamentou a ex-aluna do Internato de Bor, acrescentando que tudo isso pode ter contribuído para a péssima qualidade de ensino hoje no país.

A ex-aluna Augusta Pereira ressaltou que, no interior, a maioria dos professores é mantida pelas famílias dos alunos. Nessa condição, ela indagou como o professor teria coragem de reprovar esse aluno, quando não estivesse em condições de passar de nível. Ela respondeu a isso, dizendo ser claro que ele dará um jeito para o aluno passar de ano. Nesse caso, tanto Maria Isabel quanto Augusta Pereira são de opinião favorável à descentralização dos centros de formação de Bissau, a fim de desafogar aquela cidade. Elas acham que a política de concentrar todos os liceus e centros de formações em Bissau talvez não seja correta.

Após a análise da discussão apresentada por ex-alunos e professores do Internato de Bor sobre a educação atual, na sociedade guineense, acha-se importante trazer as falas dos entrevistados,



Anais do XV Congresso de História da Educação do Ceará. 2016, ISSN 2237-2229

quando lhes foi perguntado qual foi a experiência que mais lhes marcou no internato e o que eles gostariam de deixar como recado para os filhos, ou melhor, para a nova geração da Guiné-Bissau. Começando pelo depoimento da ex-aluna Maria Isabel:

O recado já foi dado desde início da nossa conversa. Eu diria para os jovens de que, quem tiver interesse de estudar consegue estudar mesmo que os pais não tivessem condições. Por exemplo, se um menino, ou uma menina aparecer na minha casa e me pedir dinheiro para pagar matrícula, mesmo que eu tivesse pouco para comprar comida, eu daria para ele, porque é quem quer ser homem no futuro; mas tem muitos que não quer nada, mesmo tendo apoio da família. Não vou excluir o meu filho, porque ele também faz parte dessa nova geração.

Por essa razão, o meu apelo aos jovens é lembrá-los de que deveriam se esforçar nos estudos, porque as discotecas que estão sendo abertos em Bissau, não vão ajudar em nada. Tem gente que fala: deixa a juventude curtir é mundo deles. Tudo bem é mundo deles, mas, seria bom se seguissem uma conduta que os levasse até chegar lá. Eles não esperam atingir 18 anos (SAMBÚ, Maria Isabel. As lembranças de ex-aluna de Internato de Bor Frantz Fanon. Bissau/Guiné-Bissau, agos; 2012. Entrevista concedida a Cristina Mandau Ocuni Cá).

Para Augusta Pereira, os jovens deveriam fazer, no mínimo, um curso que pudessem vir a garantir o futuro deles. Na opinião dela, quando uma pessoa pede dinheiro para outra é, porque a pessoa está bem economicamente. Se ela (a pessoa) não estivesse bem financeiramente, ninguém chegaria perto dela para lhe pedir algo. O depoente ainda lembrou que dinheiro satisfaz, primeiro, às necessidades do dono e depois a das outras pessoas. Portanto, vale à pena esforçar-se para ter um futuro melhor. “Quando estivermos bem da vida, somos os primeiros a usufruir dela, mas, quando a nossa vida estiver arruinada, somos também os primeiros a sofrerem e a pagar o preço”. (PEREIRA, Augusta. As lembranças de ex-aluna de Internato de Bor Frantz Fanon. Bissau/Guiné-Bissau, agos; 2012. Entrevista concedida a Cristina Mandau Ocuni Cá). Enquanto isso, Maria Isabel Sambú deixou seguinte apelo aos jovens:

(...), o meu apelo para os jovens guineenses é de não esperar o governo, porque o Estado da Guiné-Bissau, parece que está regredindo cada dia. O nosso governo não está mais interessado com a formação em massa, cada um está interessado com a formação do seu próprio filho. Então, o que era a preocupação de todos, passou a ser individual. Hoje, são as mães que lutam para garantir a formação dos seus filhos. Portanto, peço as mães para não abandonarem os filhos, mesmo que estiverem fazendo coisas errados, lutem quem sabe um dia, Deus há de lhes ajudar. (SAMBÚ, Maria Isabel. As lembranças de ex-aluna de Internato de Bor Frantz Fanon. Bissau/Guiné-Bissau, agos; 2012. Entrevista concedida a Cristina Mandau Ocuni Cá).

Augusta Pereira ainda chegou a comparar a educação que teve no passado com a dos filhos e com a dos demais jovens guineenses atualmente. Assim, concluiu ser a dela seja melhor que a da



Anais do XV Congresso de História da Educação do Ceará. 2016, ISSN 2237-2229

nova geração, alegando que hoje, mesmo vendo uma criança cometendo erro na rua as pessoas ficam sem saber o que fazer. Porque, se alguém tentar dar conselho a este (menor) poderá receber em troca um xingamento e, pior de tudo, os educadores dele poderão reagir a favor do menor. Com base no fato assinalado na fala da entrevistada, ela traz um pouco da recordação sobre a educação que teve no passado, conforme consta, no relato abaixo:

No internato os alunos sabiam o que deveria fazer em cada hora. Por exemplo, no jardim a gente dormia às 08 horas, então, depois da janta quando você percebesse que estava cansado, saberia que estava na hora de ir para cama para dormir e acordar cedo no dia seguinte. Aquela rotina a gente conhecia e nem tínhamos tempo para fazer as maldades. Hoje, você vê adolescentes de 14 e 15 anos grávidas, não tem cabimento isso, mas é o que se vê no dia a dia na Guiné-Bissau e acima de tudo, está na moda.

Com este relato acima citado, Augusta Pereira deixa claro que atualmente está tendo gravidez precoces, fatos que talvez não tivesse sido notado nos anos de 1970 a 1990, na realidade guineense. Nesse caso, a entrevistada acha que:

(...), se o Estado tivesse continuado com a política de internato com certeza diminuiria as gravidezes precoces e as greves que aconteçam na área da educação. Hoje, tem muitas greves, os pais acabam colocando os filhos nas escolas privadas e quem não tiver condições, não tem como manter o filho nessas escolas. Nós órfãs eu diria que fomos educados muito bem graças a Deus, fomos acolhidos e recebemos acompanhamento de governo guineense até terminarmos estudo. Nós não podemos pagar tudo que o nosso Estado fez por nós. (PEREIRA, Augusta. As lembranças de ex-aluna de Internato de Bor Frantz Fanon. Bissau/Guiné-Bissau, agos; 2012. Entrevista concedida a Cristina Mandau Ocuni Cá).

Outra questão interessante que foi destacada na fala do ex-professor Bubacar Paralta foi com relação às “amizades” que ele e os colegas fizeram no internato. Lembra-se o professor Bubacar Paralta, que, antes de ser professor do Internato de Bor, havia passado lá como aluno. Por essa razão, ele afirma que o internato ajudava as pessoas a se familiarizarem. Até hoje, o grupo dele ainda se preocupa muito com colegas. Para o Professor Bubacar, na preocupação com colegas, eles acabavam descobrindo várias vezes que a pessoa já havia falecido, ou estava trabalhando num dado lugar. Nesse caso, a preocupação do grupo tinha mais caráter de harmonia, amizade que de simples colegas. Segundo as recordações do professor, os integrantes do grupo se preocupavam mais com colegas que com os próprios irmãos, que eram da mesma família. Assim, deu exemplo:

No meu serviço, eu posso estar atendendo pessoas, mas se chegar um colega que havia estudado comigo no internato e que precise tratar com urgência os documentos, é claro que ele furará a fila só para me dizer: por favor, preciso da sua ajuda. Só de rever o colega, o amigo, a gente fica contente e acaba dando um tratamento privilegiado a ele. (PARALTA,



Anais do XV Congresso de História da Educação do Ceará. 2016, ISSN 2237-2229

Bubacar. As lembranças do ex-professor do Internato de Bor Frantz Fanon. Bissau, jul; 2012. Entrevista concedida à Cristina Mandau Ocuni Cá).

Sobre o assunto, admitiu a entrevistadora que, durante a coleta de dados, dava para perceber que havia um ciclo de amizade muito grande entre ex-alunos e professores do Internato de Bor e essa amizade acabou facilitando também o contato dela com os entrevistados. Durante a pesquisa, por meio de algumas indicações, conseguiu chegar a todos. Por exemplo, no Hospital Simão Mendes, ao conversar com uma das ex-alunas do Internato de Bor, perguntou se poderia indicar outras moças que haviam passado pelo internato. Na hora, ela deu o telefone de algumas e ainda passou o endereço do local onde elas trabalhavam. De igual modo, foi assim que muitos dos entrevistados foram contatados.

Enquanto isso, as lembranças do Professor Higinio revelam que os melhores quadros que a Guiné-Bissau tem hoje são de ex-alunos de internatos, devido à educação que receberam e à vida que levaram, a qual era totalmente diferente da dos outros alunos, sem falar da capacidade que desenvolveram. Na sequência, ele destacou que havia muita concorrência no internato e que o aluno que reprovasse não podia passar férias com a família ou com os amigos. Por essa razão, todos se esforçavam para não correrem risco de passar férias longe da família e dos amigos. Então, devido à concorrência, disse o ex-professor Higinio, os alunos de internato passaram a ser vistos como alunos com capacidade brilhante e preparados.

Antes de encerrar, seria importante apresentar a crítica feita por uma ex-aluna, Maria Isabel Sambú, sobre o Ministério de Educação. Na opinião dela, o Ministério da Educação da Guiné-Bissau deveria convocar todos os formandos para lhes dar a dica de como deverão trabalhar, se for preciso; porque, segundo a entrevistada, esse ministério não está exercendo a sua função como deveria. Na sequência, a mesma entrevistada afirmou que o pior ministério que a Guiné-Bissau tem hoje é o Ministério da Educação, alegando que é um ministério sem banco de dados para controlar o número de pessoas que o país envia para estudar no exterior, não há registro também do número de formandos que retornam ao país. Nesse caso, entende-se a gravidade do problema manifestado pela ex-aluna do Internato de Bor, porque, se de fato o ministério funciona nessas condições, pode ser péssimo para o desenvolvimento do país.

Assinalou a entrevistada que, em muitos países organizados, assim que o aluno conclui o 7º ano ou o segundo grau, o colégio automaticamente emite o pedido de certificado, ao contrário do que se vê na realidade guineense, pois, segundo ela, quando o aluno conclui o curso do liceu, ele emite o pedido ao Ministério da Educação da Guiné-Bissau, paga um valor e aguarda o recebimento do certificado, o que leva a depoente a indagar: *em que parte do mundo estamos vivendo?* Maria



Anais do XV Congresso de História da Educação do Ceará. 2016, ISSN 2237-2229

Isabel Sambú lembrou ainda que, no caso dos certificados, deveria ser obrigatório o colégio entregá-los aos alunos, porque é o documento que comprova que o aluno concluiu o 7º ano.

Durante a entrevista, Maria Isabel Sambú lamentou a situação que enfrentam os alunos guineenses porque, além do aluno pagar um valor ao Ministério da Educação da Guiné-Bissau e aguardar um tempo para receber o certificado, ele ainda tem que enfrentar fila ou bicha (termo este mais usado na língua portuguesa falada nos países africanos), para receber o documento. Para evitar a fila, o interessado acorda às 5h da manhã, porque a entrega do certificado é por ordem de chegada; o que leva a entender que não basta concluir o nível, tem ainda que passar por esse constrangimento, a fim de ter em mãos o documento que comprova que o estudante, de fato, concluiu o curso do liceu. A entrevistada alega que fatos como esse não se encontram em países organizados, onde há controle de dados; basta enviar os nomes dos finalistas ao Ministério da Educação do país e os certificados automaticamente serão enviados aos liceus, para serem entregues aos interessados.

Assim, encerra-se esta análise, trazendo as recomendações e apelos de alguns entrevistados, começando por um argumento apresentado pela ex-aluna Inácia Soares da Gama, no qual ela destaca que, apesar de ter dado muitas recomendações sobre a realidade da Guiné-Bissau, há expectativa de, um dia, as pessoas terem acesso ao resultado desta pesquisa e, talvez, poderem concordar ou discordar dos depoimentos registrados no trabalho da tese. Embora seja um estudo feito fora da Guiné-Bissau, a entrevistada espera que o material chegue às mãos dos guineenses e de alguns representantes do governo, a fim de refletirem sobre os depoimentos e, poderem, portanto, repensar e providenciar a recuperação da política de educação no país.

Já o ex-aluno Dam Incoia, que disse estar muito contente com a entrevista, aproveitou para fazer um apelo aos colegas que hoje representam o governo: que seria bom encontrar tempo disponível, a fim de reunirem todos que tivessem passado pelo internato, para ver a possibilidade de encontrar uma saída que possa trazer de volta a política de internato para a sociedade guineense.

Com base nos apelos dos ex-alunos(as) e ex-profissionais do Internato de Bor para os governantes da Guiné-Bissau, entende-se profundamente a preocupação que eles têm com relação à sociedade guineense. Preocupação essa que, na maioria das vezes, é mencionada pelos políticos guineenses durante a campanha eleitoral.

Com base nos argumentos apresentados por depoentes, entende-se a falta que internatos fazem hoje para sociedade guineense. Uma lacuna que talvez seja impreenchível nesse novo cenário da democracia e do capitalismo; pois não se pode esquecer que internatos, criados na Guiné-Bissau



Anais do XV Congresso de História da Educação do Ceará. 2016, ISSN 2237-2229

durante a luta de libertação e depois da independência, só sobreviveram porque o regime era de partido único e o espírito de construção da cidadania ainda prevalecia na sociedade guineense.

Hoje, em plena democracia e com o multipartidarismo, a pergunta que não se quer calar é se ainda é possível ter a volta dos internatos no território guineense. Os internatos foram criados no regime de partido único, mas a política neoliberal adotada pelo Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC), nos anos de 1986, fez com que, no país, o espírito de formação do homem novo e solidário fosse substituído pelo individualismo. Segundo os dados colhidos durante a investigação, foi a partir desse período que as dificuldades apresentadas pelos demais internatos da Guiné-Bissau começaram a surgir; o que leva a acreditar que, talvez, não seja mais possível a volta da política de internato à Guiné-Bissau, enquanto não houver, no país, um compromisso de construção de uma política social que possa assegurar internatos, mesmo havendo mudanças partidárias no poder ou instabilidade política.

Conclui dizendo que o presente artigo é parte da tese de doutorado, cujo título, “Formação feminina no Internato de Bor (1933-2011) na Guiné-Bissau: reflexos da educação da sociedade guineense contemporânea”. A organização do trabalho se deu através da entrevista com ex-alunos e professores de Internato de Bor, sobre a situação atual da educação na sociedade guineense.

Referência Bibliográfica

- CÁ, Lourenço Ocuni. **Política educacional da Guiné-Bissau de 1975 a 1997**. 1999. Dissertação [Mestrado em Administração Supervisor Educacional] – Faculdade de Educação da UNICAMP, Campinas, SP. 1999. 197p.
- CA, Cristina Mandau Ocuni. **A trajetória dos quadros guineenses formados e em formação no Brasil na visão de estudantes e profissionais de 3º grau**. 2009. Dissertação [Mestrado em Educação, Sociedade, Política e cultura] – Faculdade de Educação da UNICAMP, Campinas, SP, 2009.
- CÁ, Cristina Mandau Ocuni. O Internato de Bor: história de uma instituição de formação feminina na Guiné-Bissau. In: CAVALCANTE, Maria Juraci Maia et al. (Org.). **História da educação: república escola e religião**. Fortaleza: Edições UFC, 2012.
- DOWBOR, Ladislau. **Guiné-Bissau: a busca de independência econômica**. São Paulo: Brasiliense, 1983. 122p.
- GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de. Na Terra do Outro: Invisibilidade e presença de estudante africanos no Brasil, hoje. In: CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DO CENTRO DE ESTUDOS DAS CULTURAS E LÍNGUAS AFRICANAS E DA DIÁSPORA NEGRA – CLADIM., I, 2007, Campinas, SP, **Anais...** Campinas, SP: FCL. UNESP, 2007.